

PUM DAM PUM



SUPLEMENTO
INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

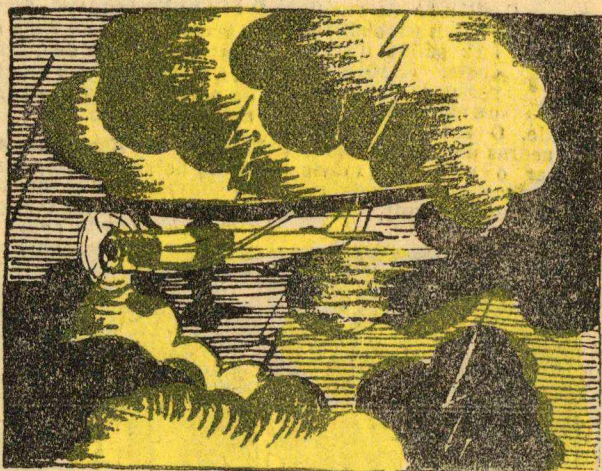
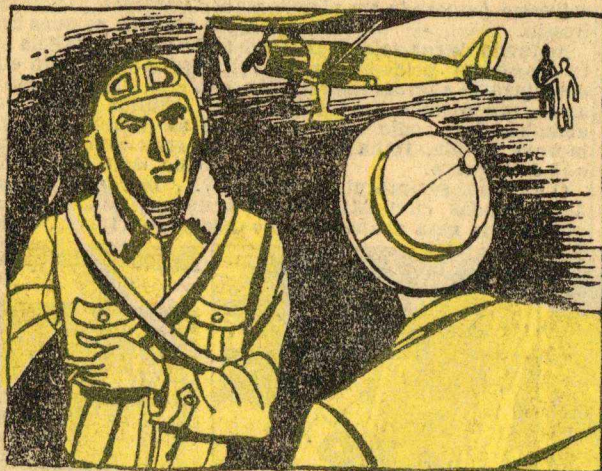
Direcção de AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XV

LISBOA, 18 DE ABRIL DE 1940

N.º 742

Um drama nas nuvens



JOÃO Leonardo, piloto diplomado ao serviço da Companhia aérea de transporte Bruxelas-Paris, tinha o hábito de não se admirar de coisa alguma.

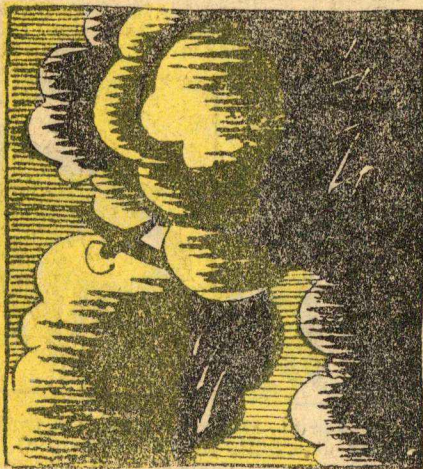
—Quando se tem feito, como eu — dizia ele — a caça aos inimigos, du-

rante quatro anos, exhibições, correrias e sucessivos «récorde», não há nada que facilmente nos possa surpreender...

E contudo, nessa manhã, João Leonardo ficara espantado.

No seu monoplano tinha já transpor-

tado pessoas de todas as categorias. Tinha conduzido ministros, artistas, uma vez mesmo um rei, uma outra um arcebispo, mas o que lhe pediram nesse dia era o mais extraordinário de tudo: motivado pela greve dos caminhos de ferro belgas, pediram-lhe para



transportar para Paris, pelos ares, duas panteras... Nem mais, nem menos.

As feras pertenciam ao domador Marcelo, que as comprara em Anvers e tinha chegado directamente de Bor-néu. Eram dois animais esplêndidos,

novos, soberbos, com o pelo negro, luzindo como aço.

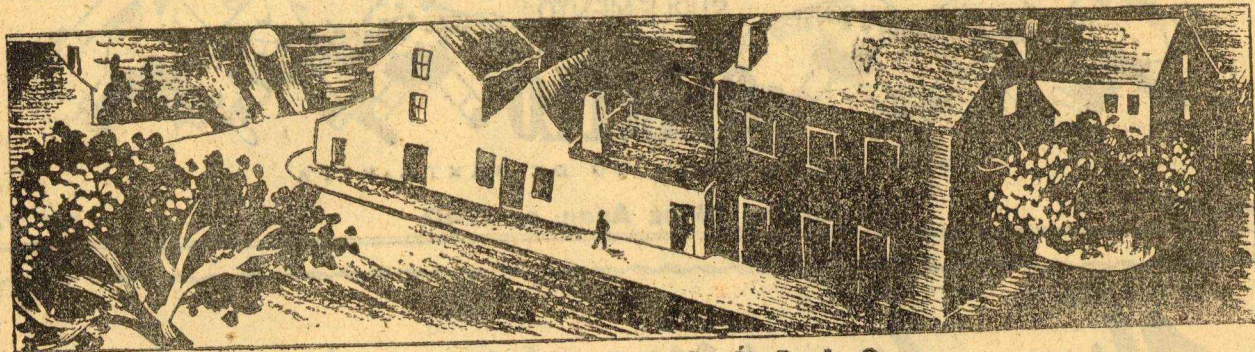
Henrique, o mecânico, achava muito arriscado transportar animais ferozes e, quando colocaram a galola na parte da carlinga reservada às mercadorias

e depois de deitarem um toldo por cima, não pôde deixar, à partida, de interrogar o domador, que assistira ao transporte das feras, pedindo-lhe ex-

(Continua na página 4)

FAJOCA, PATACHOCA e CARALAROCA

Por NICOMARY



1.º EPISÓDIO

A CASA ABANDONADA da RUA ESCURA

NO silêncio da rua deserta, iluminada pela luz pálida da lua cheia, ressoam os passos de alguém que caminha despreocupado. O bater do calçado nas pedras do passeio, parece marcar o ritmo da música conhecida, que a pessoa a quem vamos seguir, assobia baixinho.

O seu vulto pequeno, deixa logo perceber que se trata de um rapaz de cerca de quinze anos, a quem, pela sua maneira de andar, a vida não parece aborrecer muito.

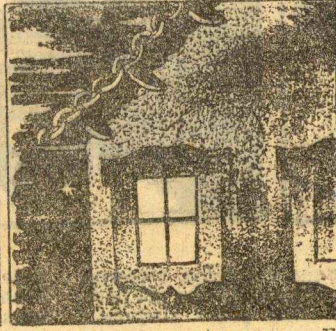
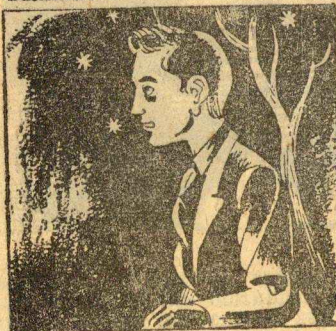
Também não demonstra ser medroso pois o sitio não é dos mais convidativos e, todavia, isso não o impede de avançar tão tranqüilamente como se

estivesse passeando em pleno Rossio.

Ao fundo da rua, num recanto encoberto pelas sombras, descatava-se a forma imprecisa de um casebre, há muito abandonado e cujo aspecto, mesmo de dia, tinha o seu quê de lúgubre.

O rapazio, sempre alheio a determinadas circunstâncias, nutria pela casa abandonada

uma certa aversão, procurando sempre realizar as suas brincadeiras o mais longe dela possível. Porquê? Ninguém o sabia explicar, nem mesmo os adultos, muitos dos quais, quando as noites eram mais escuras, preferiam fazer o seu trajecto do lado oposto! Por receio?... Talvez, uns! Para evitar uma irritante impressão de desagrado? Talvez, outros!



O que é verdade, porém, é que o nosso protagonista — em quem já certamente reconheceram o Fajoca, não demonstrava preocupar-se com essas ninharias! Viera por aquele passeio e por ele continuaria a Atravessar a rua, para quê? Al-

caso ainda não estava a cair!...

talvez até nem isso lhe tivesse passado pela mente e, como que alheio a tudo quanto o rodeava, prosseguia, sempre, ao compasso do trecho que trauteava.

Entretanto, alcançara a esquina e, sem saber porquê, olhou para a outra empena do casebre, estacando subitamente! Porquê? O que teria ele descoberto para, tão repentinamente, ter mudado assim de atitude? O que lhe teria

prendido tanto a atenção? É isso o que vamos ver: De facto, o caso não era para menos! Então, a casa desde há tanto tempo deshabitada, tinha agora uma luz, embora fraca e bruxuleante, lá dentro? Seria erro de visão?... Mas não! A



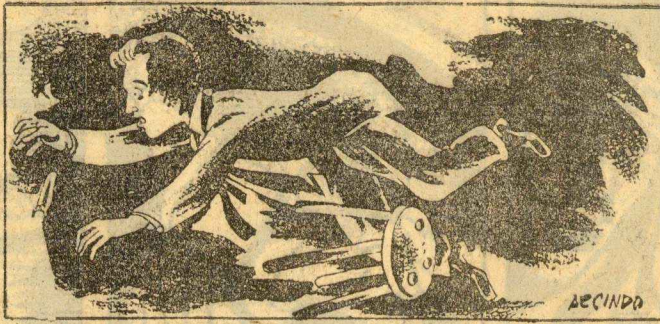
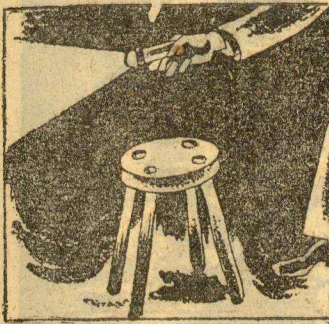
janela bem o demonstrava. Como era possível uma coisa assim se, ele bem o sabia, ninguém se tinha mudado recentemente para ali! Não havia que ver! Ali devia andar coisa!... E, decidido, Fajoca to-

mou uma decisão: Averiguar o que se passava sem, contudo, dar nas vistas, para não ser descoberto. Mediu, com a vista, toda a casa mas nada lhe oferecia um apolo para a escalar! E, sem saber porquê,

pressentia que não seria prudente manter-se junto dela. Por esse motivo, atravessou a rua num ápice e, por detrás do tronco grosso da árvore que lhe ficava frente, continuou a vigilância.

Mas aquilo não era para o feito enérgico de Fajoca! Então, havia de passar o resto da noite encostado à árvore, sem ficar a saber mais nada? Não!...

(Continua na página seguinte)



E, numa nova decisão, ei-lo de novo junto do casebre mas, desta vez, tateando a porta de entrada, encimada por um número 13, o que, para muitos, seria factor de mau presságio muito para ter em consideração!... Fajoca, porém, era superior a essas fraquezas de espírito e, dentro em pouco, abria a porta que estava apenas encostada, penetrando, a seguir, cautelosamente no casebre.

Trazia sempre consigo uma pequena lanterna electrica, a qual pôs logo a funcionar:

Com o facho luminoso, percorreu tôdas as paredes que a cair, nada, todavia, deixava antever o que se iria passar.

De súbito, apagou a luz e sentiu um calafrio percorrer-lhe a espinha!... Tinha chegado aos seus ouvidos o ruído abafado de vozes masculinas.

E se fôsse descoberto! Como justificar a sua presença dentro da casa?... Atento, procurou orientar-se sobre o ponto de onde provinha o ruído. Havia que desvendar o mistério que, tinha agora dísso a

certeza, existia naquela casa. Já sabia para onde se encaminhava e, acendendo de novo a luz, avançou cautelosamente!

Um desaire, porém, o esperava!... Erguera demasiado o facho luminoso e, na escuridão, não notara um banco, colocado a meio da casa, para o qual caminhava inadvertidamente!...

De repente, deu-se o inevitável e, ao mesmo tempo que, com um ruído sêco, o seu cor-

po se estatelava no chão, Fajoca teve a sensação de que tudo findara ali para êle.

Muito quieto, manteve-se na posição em que ficara! Quantos minutos haviam decorrido? Nem êle podia avaliar mas, quando, por fim, já se cansara da incômoda posição e tinha, portanto, a certeza de que não fôra descoberto, procurou a lanterna que lhe fugira das mãos. Logo que a achou, dispôs-se a verificar o que lhe motivara a queda e...

(Continua no próximo número)

SECÇÃO de PINTURA, BORDADOS e ARTE APLICADA

Por ARLETE LOPES NAVARRO



a cheio. E as folhinhas a verde. As linhas em «Rechiliés», são na cor do vaso.

A barra do lençol e da almofada é em linhol, na cor das flores. Deve ser presa com ponto de cadeia ou pé de flôr, conforme o bordado fôr executado.

Podem empregar, neste trabalho, a linha perlé fininha, que se vende em novelos pequenos.

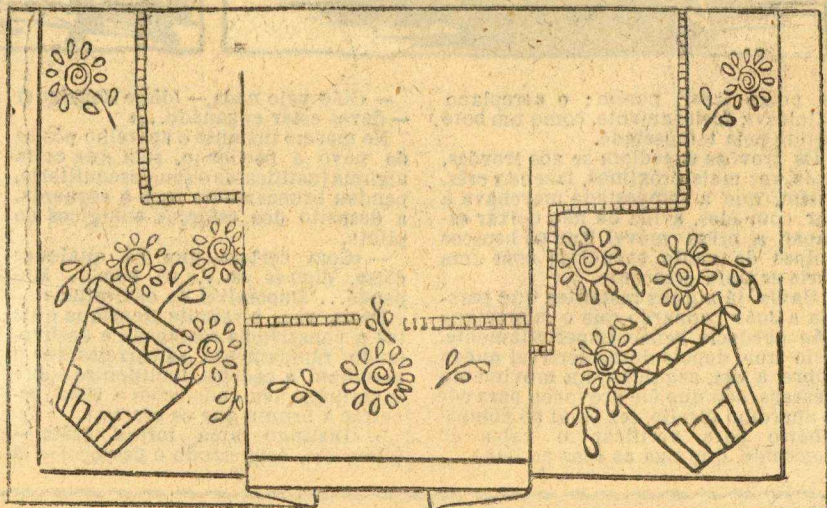
Um lençol e uma almofada de cama são os dois modelos que vos apresento, para o leito da vossa bonèquinha.

Os vasos são bordados a ponto pé de flôr, ou ponto cadeia, castanho ou vermelho. As flores em rosa ou azul,

ADIVINHA

Solução da publicada no penúltimo número

Basta tirar três, porque, havendo só meias de duas cores diferentes no saco, nessas três haviam de estar incluídas, forçosamente, duas de cor igual. E aí temos o par de meias da mesma cor.



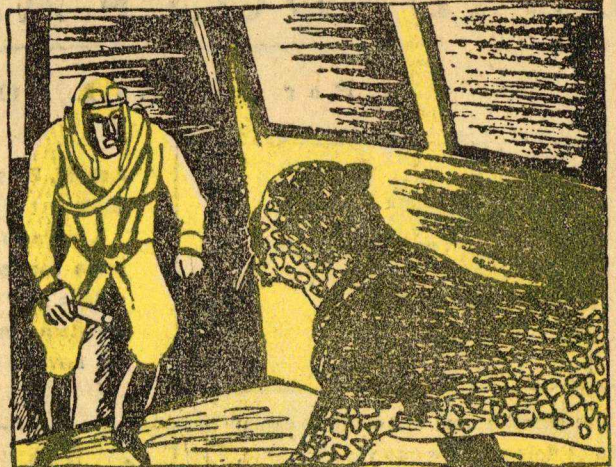
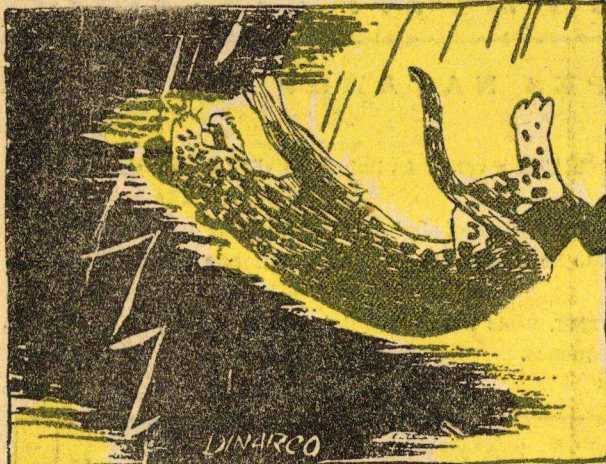


UM DRAMA NAS NUUVENS — (Continuação da página 1)

plicações e informações sôbre as estranhas passageiras.
Acabou por perguntar ao domador se as panteras não enjoariam; felizmente, porém, como se aproximava a hora da partida, o piloto Leonardo pôs termo à tagarelice do seu companheiro e, um instante depois, num arranque sonoro, o ligeiro monoplano descolou e desapareceu no horizonte.
João Leonardo não ia muito satisfeito e esse meio descontentamento tinha por razão principal o tempo, que estava extremamente pesado e brumoso, obrigando-o a voar sôbre os telhados, como dizem os homens-pássaros.
Ora, voar baixo, era voar lentamente, e o parisiense não gostava nada de

fazer de tartaruga alada, muito principalmente em virtude da espécie de carregamento que levava.
Contudo, nada podia fazer; longe de aclarar-se, o céu cobria-se cada vez mais, ao ponto de, apenas com uma terça parte do percurso, o nevoeiro se ter formado tão intenso que nada se descobria a dois metros de distância.
— «Nunca vi um tempo assim, (dizia êle) dir-se-ia que se vâa num pacote de algodão em rama... Não se pode ir a cento e sessenta, nem tão pouco a cento e quarenta, mas só a cento e dez... à maneira de estreante...»
«E dizer que está uma multidão à nossa espera em Bourget: fotógrafos, operadores cinematográficos, jornalistas,

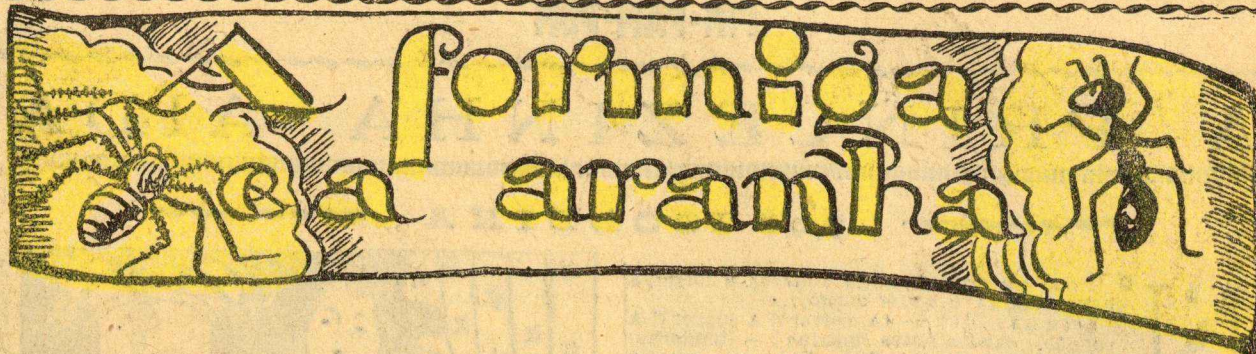
tôda a «companhia»... Far-se-ão velhos à nossa espera...»
— «Que queres, (respondeu filosoficamente o mecânico Henrique), não é por nossa vontade... Certamente que, se se pudesse mandar no tempo, isto iria melhor.»
Súbitamente, como se o nevoeiro não bastasse já para tornar a viagem difficilima, um clarão rompeu as nuvens e a tempestade que estava iminente desde a alva, estorrou com um ruído ensurdecedor.
— «Não faltava mais nada!» — (praguejou) —
Ele tinha razão, porque estava em jôgo a sua reputação, se aterrassse antes do sítio destinado para isso; nada



se podia fazer, porém; o aeroplano baloiçava furiosamente, como um bote batido pela tempestade.
Os trovões sucediam-se aos trovões, cada vez mais próximos, fazendo crêr, assim, que a tempestade marchava a par com êles, ávida de não deixar escapar a prêsa móvel que os bruscos golpes de vento sacudiam com uma fúria sempre crescente.
Havia já alguns instantes que parecia a João Leonardo que o monoplano não obedecia senão imperfeitamente, pelo que, depois duma terrível queda sôbre a asa, seguida dum movimento desesperado que êle provocou para pôr o aparelho direito, fez sinal ao companheiro para verificar o cabo de comando, que liga as asas ao leme.

— «Não vejo nada, — (disse Henrique) — deves estar enganado...»
No mesmo instante o aparelho pôs-se de novo a oscilar e, sem que coisa alguma justificasse o seu desequilíbrio, pendeu bruscamente para a esquerda, a despeito dos esforços enérgicos do piloto.
— «Com certeza que há qualquer coisa, digo-te eu... vê bem... Isto pendê... Impossível de endireitar.»
Desta vez, o valente Henrique quiz ter a consciência sossegada e desviando, rapidamente, as correias que o prendiam à cadeira, inclinou-se sôbre a carlinga, tentando, com a vista, penetrar a bruma que os cercava.
— «Distingo uma forma preta, — (disse êle, estendendo o pescoço) — lá

para a extremidade da asa... E' que...»
Não pôde continuar... A forma negra vinha saltando em sua direcção...
Sentiu um hálito quente, fétido, chegar-lhe ao rosto. Era uma das panteras que, espantada, quasi louca pela tempestade, tinha conseguido forçar a gaiola e agarrar-se à tela.
— «O que é que tu vês?» — (interrogou Leonardo, a mil léguas de supôr o drama que se desenrolava atrás dèle).
Admirado por não obter resposta, voltou-se um pouco e distinguiu, na bruma, uma massa pardacenta, que não era senão o homem e a fera, lutando desesperadamente.
O mecânico, tendo recuado até ao seu lugar, tinha agarrado numa enor-



PREPARAVA-SE a função em todo o reino animal, la casar rei Leão com a menina Chacal.

Vinha a bicharada tôda, desde o Condor ao Robalo, tomar parte nessa boda que devia ser de estalo. Também foram convidadas a Aranha mais a Formiga que andavam muito açodadas, as duas numa fadiga.

Correram montes e balsas para vestir os seus filhos, queriam comprar-lhes calças que as velhas tinham fundilhos.



me chave inglesa que lhe servia para apertar as porcas dos parafusos e, compreendendo que era preciso, antes de tudo, evitar que a pantera atacasse o piloto, fazia resolutamente frente ao animal, furioso, cujos olhos, atravessando a bruma como dois carbúnculos, brilhavam com um clarão sinistro.

A primeira pancada vibrada pelo mecânico, com tôda a força de que era capaz, fez hesitar a fera; dentro em pouco, porém, voltou à carga, raivosamente, furiosa pelo barulho do trovão, ao qual se juntava o sussurro da hélice e o soprar do vento entre as núvens. Agarrada com tôda a potência das suas garras, cravadas na tela do aparelho, a pantera deu um novo salto para a frente, e, empinando-se sobre os quartos de trás, tentou fazer cair o mecânico que ficou devendo a sua salvação à presteza da réplica.

Por duas vezes, a enorme chave caiu

Não acharam nada feito... Correram tôda a cidade, pois nada havia de jeito para tal solenidade.

Mas, por fim, lá encontraram num alfaiate, um artista, dois fatos que elas compraram, que iam meter muita vista. Casacos côr de pinhão, os coletes encarnados, as calças, côr de limão e os colarinhos gomados.

— «Mas, — disse á Aranha a Formiga — que de maçadas, meu Deus! E já pensou, minha amiga, que ainda faltam os chapéus?...» Volveu a Aranha: — «O chapéu?! Tem razão, nem pensei nisso! Não pode ir de tôla ao léu o meu menino aranhão.»

Depois, numa correria, que o tempo já era pouco, foram à chapelaria. Pediram chapéus de côco. E enquanto a Aranha os olhava, a Formiga, em tom ladino, ao caixeiro perguntava se não tinha um chapéu fino.

— «Sim, Madama, tenho um...» — disse o caixeiro à Formiga, —

mas não tenho mais nenhum para esta sua amiga.» — «Deixe lá, isso é comigo...» — baixo, a formiga responde, — contanto que o meu formigo vá mais bem posto que um conde!



E acrescentou com desdém alçando muito o topete: — O filho dela vai bem mesmo de boina ou barrete.»

Aquilo que se não quer para nós, por não prestar, não devemos, a meu ver, ao Próximo desejar.

Laura Chaves

sobre o focinho do animal, arrancando-lhe um rouco rugido, o qual advertiu imediatamente o piloto do que se passava.

— «Agarra-te, Henrique, — (disse Leonardo ofegante) — vou tentar um «looping»... Atenção... Começo...»

Apenas êle acabara de pronunciar estas palavras, o aeroplano, manobrado por uma mão firme, executava no espaço uma deslocação completa, destinada a desembaraçá-los da sua incômoda passageira.

O plano era, sem dúvida, ótimo, ainda que seriamente perigoso de executar. Tornou-se, porém, completamente ineficaz, porque a pantera solidamente agarrada à tela, não se moveu e, quando o aparelho retomou a sua posição, ela lançou-se de novo, de goêla escancarada e garras «em linha de batalha», sobre o infeliz mecânico.

A chave, volteando no ar, caiu sobre a garganta do animal, que a apanhou

com frenesim. Henrique, surpreendido, deixou escapar a sua arma improvisada e êsse movimento, que lhe podia ser fatal, salvou-o, porque, levada pelo seu arremêço, a pantera despenhou-se no vácuo...

Eles felicitavam-se já por terem escapado às garras da fera, quando, de repente, uma brutal oscilação do monoplano os advertiu dum novo perigo.

Era a outra pantera que trepava pela carlinga, avançando direita a êles e rosnando dum maneira terrível.

— «O teu revólver» — (pediu Henrique, arquejando.

— «Não o tenho» — (respondeu o outro.) —

— «Uma faca, então... qualquer coisa.»

— «Não tenho nada...»

(Continua no próximo número)

A PRINCEZINHA AIDA

por ISOLDINA

NO tempo em que havia fadas e varinhas de condão, existia uma princezinha, criada com tanto mimo que ficou uma preguiçosa. Quando

ainda muito pequenina, os soberanos, seus pais, não a deixavam brincar, nem correr, pois diziam fazer-lhe mal; e não queriam que se cansasse. Se lhe caía qualquer brinquedo da mão, logo meia dúzia de aias se curvavam para apanhá-lo. Chamava-se Aida mas, por excesso de mimo, tratavam-na, simplesmente, por Ai. Assim cresceu a menina sem fazer qualquer exercício, quer físico quer mental. Tornou-se, portanto, uma bola de carne, mais parecendo massa tenra para pasteis, de tal modo os ossos e os nervos dir-se-iam não existir naquele corpo. Não tinha vida nem animação como as outras crianças.

Dos muros do seu castelo, às vezes, as filhas dos camponeses, sempre risonhas e felizes, e não podia compreender como pudessem viver alegres, sendo pobres, quando ela, a quem nada faltava de conforto, não tinha alegria nem saúde. Um dia, a madrinha da princezinha, que era uma fada, foi visitá-la e ficou admirada em face da educação que lhe davam. E, porque não tinha papas na língua, como se costuma dizer, disse para os soberanos compadres:

— «Então, eu supunha ter por afilhada uma gentil princezinha, e, afinal, sou apenas madrinha de um pastel?! Po-

nham-na a mexer, a correr, a andar muito...»

— «A correr?! A mexer?! A nossa menina? — (bradaram os pais.) — Para que precisa de se maçar se tem tantos pagens e aias para a servir?»

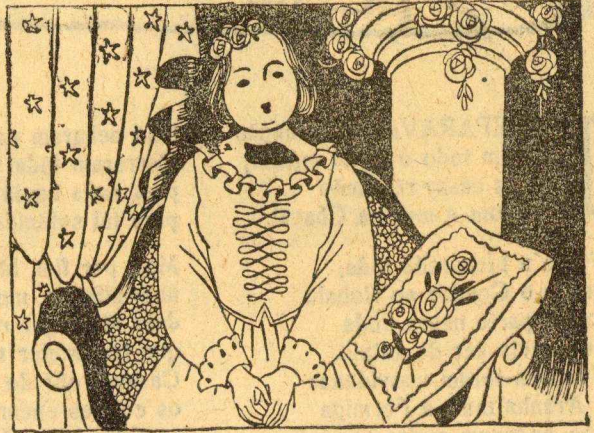
— «Mas que estúpidos sois! Queréis que a vossa filha morra de inacção?» — «Oh! não!» — (responderam horrorizados).

— «Nesse caso tereis de vos separar dela por algum tempo. Levá-la-ei comigo mas eu vos prometo transformá-la numa nova princezinha, excelente-mente disposta, capaz de gozar uma vida sã, por longos anos, e cheia de alegria, para verdadeira felicidade de seus pais.»

Custou muito a separação; mas, com o receio de perderem a filha, consentiram. Num momento a princezinha viu-se transformada numa linda borboleta azul, e, acompanhada de outra doirada, sentiu-se levada pelos ares, ao sópro da brisa. Quando voltou a si da surpresa, achava-se num local maravilhoso. Antes de compreender o que sucedia, olhou, e viu a fada já transformada de novo em linda mulher, que logo, tocando-lhe com a varinha mágica, a fez voltar novamente á figura primitiva. Ela, então, disse á madrinha:

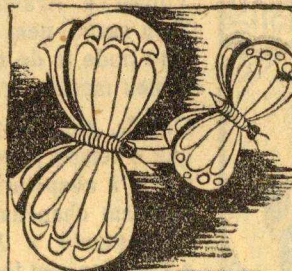
— «A minha madrinha, que tudo pode, porque me não dá a figura e graça de uma princesa cheia de encantos, para que um príncipe encantado venha pedir a minha mão, como é de uso na corte?»

— «Minha filha, de que vale uma linda figura sem presé-
tímo para coisa alguma? Há-



de ter o teu príncipe encantado e há-de ser muito feliz; mas alguma coisa há-de fazer para isso. Será á custa dos teus próprios méritos. Agora vai descansar; vai dormir a tua última noite de mandriona. Amanhã principiarás uma nova vida.»

A menina sentiu os olhos



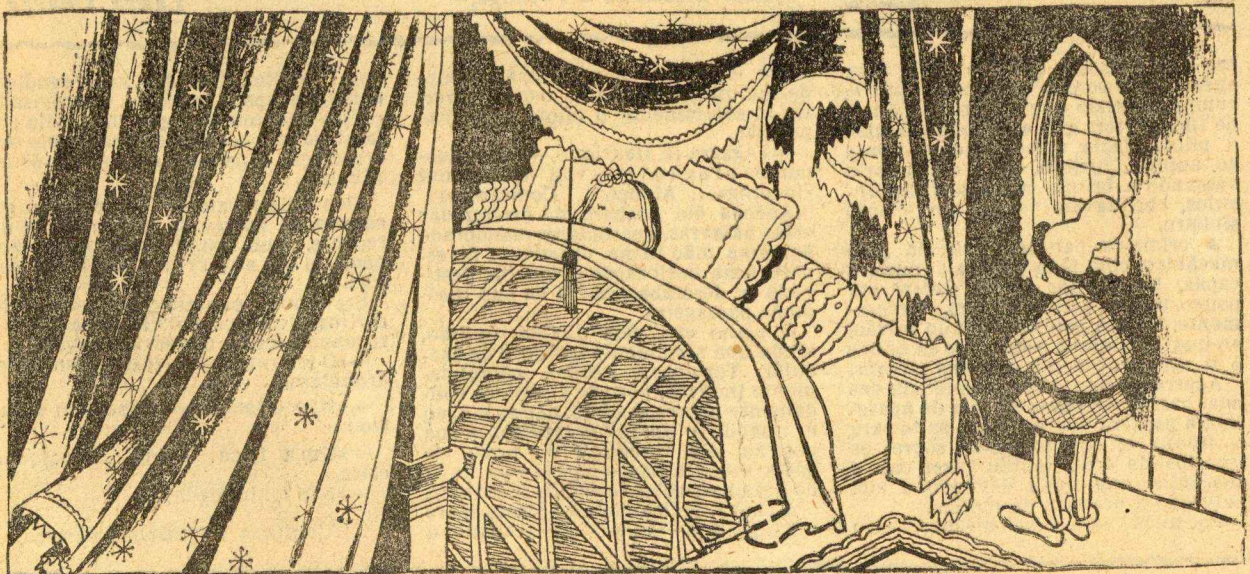
fecharem-se-lhe e teve a sensação de ser transportada por mãos invisíveis, que a depuseram mansamente em qualquer sítio plano que se parecia

com uma pedra; isto, em relação ao seu corpo mole, habituado ás maciezas do seu palácio.

Então, a princezinha ficou-se a dormir, enquanto um pagenzinho, para ela invisível, velava o seu sono.

Um côro de vozes, vibrantes e maviosas, despertaram a princezinha que não acordou sobre uma pedra, onde supunha terem-na deitado na véspera, mas no leito mais sumptuoso que até ali havia visto: Todo cercado de finas rendas, em docel sustentado por colunas de ouro, onde brilhavam, incrustadas, lindas e rutilantes pedras preciosas. Ao alcance da sua mão, uma campainha, de cristal e ouro, lembrou-lhe que precisava chamar as suas aias para a vestirem.

(Continua no próximo número)



UMA HISTORIA VERDADEIRA

Nos segrêdos dos cabos submarinos Por LORD-ZINHO

(Continuação do numero anterior)

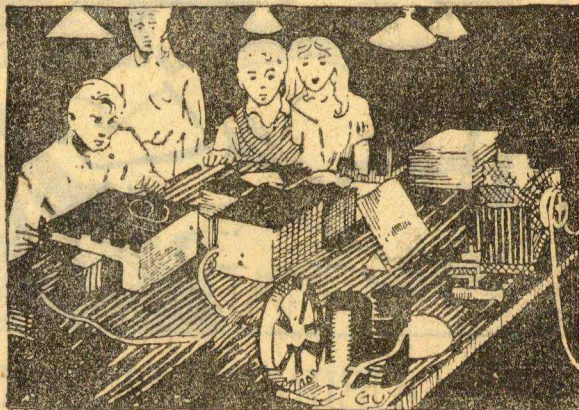
ENTRAMOS na estação dos Cabos Sumarinos. Havia um silêncio quási profundo, apenas alterado pelo tic-tac, rápido e persistente, dos aparelhos telegráficos.

Desde logo, Pierre e Jeanne notaram um certo ar de mistério que ainda mais aguçou a sua ansiosa curiosidade. Para dar aos meus leitorzinhos uma ideia do ambiente grave que havia dentro do edificio, posso afirmar que o menino mais traquinas do mundo, não se atreveria a fazer ali qualquer diabrura!

A sala dos aparelhos é vasta e sóbria. Do tecto alto pendem grandes lampeões eléctricos. A' volta, numerosas janelas, que se conservam sempre abertas, tonificando o ar. Ao longo da casa, uma comprida fila de mesas sôbre as quais estão montados os aparelhos de recepção e transmissãõ. Junto das paredes, aqui e acolá, os mais variados apetrechos de engenharia, indispensáveis ao constante «controle» das communicacões.

Neste momento, a-pesar-de estarem já habituados a noticias sensacionais, alegres ou tristes, os telegrafistas debruçavam-se sôbre os aparelhos, numa attitude de ansiedade.

Os olhos fixaram os sinais telegráficos com uma avidéz que não era natural. A fita tremia nas suas mãos nervosas. Era tão grande a agitação que nem deram pela nossa presença. E ainda bem. Se nos vissem, ter-nos-lam expulso, porque, naquele momento, alguma coisa se passava de muito grave. Assistimos a tudo. E eu vou dizer-lhes...



A Europa estava em guerra. Nos cais marítimos e aeródromos franceses, havia um grande movimento de tropas. Alguns barcos de guerra, navegando a todo o vapor, deitando das chaminés grossos róllos de fumo e levando a descoberto as bocas dos canhoes, prontas a fazer fogo, já haviam saído para o mar.

Eis a razão porque, quando Pierre e Jeanne entraram na estação de telegrafia submarina, ali foram encontrar um ambiente de grande nervosismo. Pierre, muito penalizado,

preguntou-me, ingenuamente, porque entrara o seu país na guerra, se isso lhe ia custar a morte de milhares de homens. Prontamente o esclareci de que se havia feito todo o possível para evitar o conflito. Mas como os homens na vida, cada país tem que respeitar a honra e a independência dos outros. Fazem-se tratados de comércio e de paz. Faltar a esses compromissos é uma vilania.

As nações são como os homens, que se deshonram quando não cumprem o que prometem.

Com arguto espirito de observação, não foi difícil às duas crianças compreenderem, num relance, porque estavam os telegrafistas tão atentos às fitas brancas dos aparelhos. E' que nessas fitas brancas havia pequeninos sinais



telegráficos, feitos por contactos eléctricos num permanente vai-vem — das mais diversas partes do mundo. As nações transmitiam entre si os mais graves e urgentes segrêdos de guerra.

Este sistema de communicacão é feito através de fios de electricidade, isolados em grossos cabos de aço, que atravessam os oceanos a uma tal profundidade que não lhes possam tocar as quilhas dos navios.

Repentinamente, ficaram interrompidas tôdas as communicacões. Na estação de telegrafia submarina, fez-se um silêncio profundo. Calaram-se os aparelhos no seu enervante tic-tac.

O inimigo, no alto-mar, acabava de cortar o cabo submarino, que liga duas das mais importantes nações da Europa. Embora a rede de cabos submarinos esteja montada de fórma a assegurar todos os serviços (e neste caso seria utilizada outra via) o que é verdade é que as duas potências ficavam sem communicacão directa.

Como solucionar esta inconveniente situação? Existem barcos com oficinas para arranjo dos cabos submarinos. Deram-se ordens. Fizeram-se combinações. A «localizacão» da avaria, que vou explicar aos meus leitorzinhos em poucas mas elucidativas palavras, não é uma fantasia mas sim o que se faz nestas emergências.

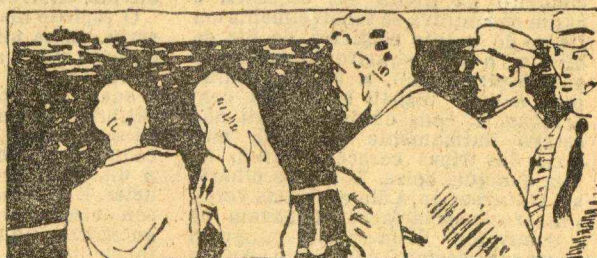
Nas estações interessadas, sem perda de um precioso minuto, brigadas de engenheiros entram imediatamente em actividade nos seus gabinetes técnicos. O trabalho mental exige grande esforço e cuidados. Ponham na vossa imaginacão, um grupo de médicos operando um doente numa intervençãõ melindrosa.

O aparelho de maior influéncia é o galvanómetro. Sabem o que é isto? E' um instrumento para medir a intensidade das correntes eléctricas. Este galvanómetro difere dos vulgares porque a marcação não é feita pelo sistema de agulha mas sim por uma pequena luz que gira numa escala dividida em séries. Existe um quadro parecido com o que já têm visto para os telefones, ou, seja, um pequeno taboleiro, cheio de buraquinhos. Cada cavidade equivale a uma certa resistência do cabo submarino que os engenheiros traduzem em milhas de distância. Esboçam-se cálculos. Fazem-se experiências. Toma-se o «pulso» ao cabo, como um médico faz a um doente. Quando as pulsações forem certas num ponto, procura-se noutro. Por fim, encontra-se o mal. O galvanómetro acusa o ponto onde o cabo está partido. A localizacão é matemática, certa — nunca falha.

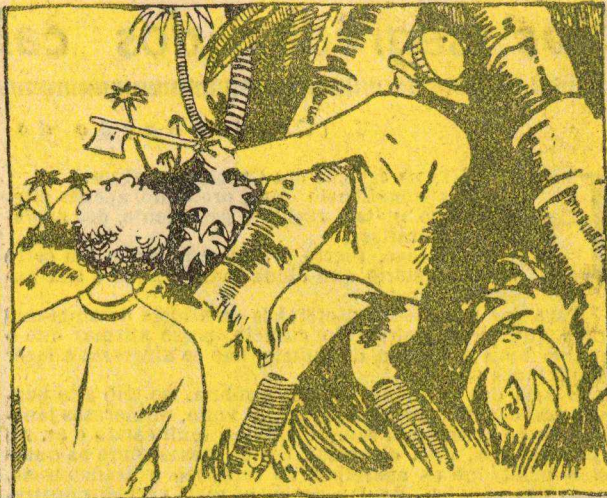
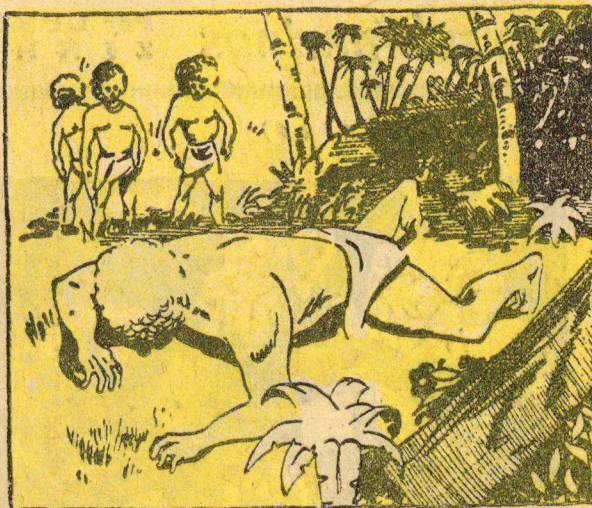
Depois disto, dão-se as necessárias instrucções aos barcos-officinas que, em tempo de paz, seguem imediatamente para o local da avaria.

Mas não é o caso presente que tanto está interessando o Pierre e a Jeanne.

Em tempo de guerra estes barcos-officinas beneficiam de protecção official.



(Continua no próximo numero).



O COQUEIRO MALDITO (Conclusão do número anterior)

Convencera-se, também, como Wadali, que Jokambo, de quem conhecia a astúcia, mentia descaradamente e não tinha procedido a esta comédia senão para contrariar o seu velho inimigo, pôsto que todos os Biribris têm o costume de ir dormir alguns momentos na álea dos coqueiros, cada um em seu lugar próprio, e o pobre Wadali, ficaria, de futuro, na situação de não saber onde abrigar-se.

No entretanto, a calma veio e o trabalho recomeçou. O sol dardejava com força sobre a plantação de Jimmy Clarks, um dos mais ricos colonos da Libéria, bem conhecido em Cap Palmas e em toda a costa.

Fazia um calor abrasador e o Oceano espelhava, lá em baixo, bastante longe, entre as folhagens e as palmeiras. A lagôa do cabo Mesurado, estava deserta e no nível dos pântanos fluava um vago nevoeiro. Tudo ia calmo, até ao momento em que uma sucessão de longos assobios rasgou o ar. Era o sinal da suspensão do trabalho, por uma hora, dado, várias vezes por dia, pelos contramestres, todos negros, do mais belo negro, chamados Américolibrianos. Então, os grupos dispersaram-se, para se reunirem em seguida conforme as simpatias. Logo os negros se enxamearam ruidosamente em todas as direcções, como as crianças em hora de recreio.

Bem depressa, a grande álea bordada de coqueiros, conduzindo ao «bengalow», foi juncada não de dorminhocos mas de faladores, que se instalavam debaixo das respectivas árvores, a-fim de nelas fazerem a sua sesta, ou para, como na maior parte das vezes, jogar aos dados. Jokambo estava entre eles. Havia tomado lugar debaixo do sétimo coqueiro da fileira da esquerda e assim encontrava-se sensivelmente em frente do quinto coqueiro, da fila da direita, o tal coqueiro amaldiçoado pelo espírito mau, a árvore, enfim, para a qual Wadali se dirigia com arrogância. Sem dúvida Wadali não estava intimamente tranquilo mas fazia das tripas coração; enfim, temia qualquer coisa. Todos os olhares se voltavam para ele e, muitas vezes, numerosas exclamações chegavam-lhe aos ouvidos. Dizia-se que ninguém podia ir dormir debaixo daquele coqueiro.

— Ai daquele que o fizesse! Mas Wadali queria provar, talvez com pe-

rigo da própria vida, que Jokambo não era mais que um impostor e que não tinha qualidades nem merecimento para tornar uma árvore «tabu», á semelhança do que faziam os verdadeiros feiticeiros. Wadali era, como se costuma dizer, o homem do dia.

Todos os olhares convergiam para êle. Parou a dois metros da árvore amaldiçoada. Depois avançou, ostensivamente, passando muitas vezes por de baixo do coqueiro.

— «Atenção!» — gritou-lhe Jokambo. Eu não te quero tomar por um traidor! Eu bem te previno: o espírito mau espreita-te!»

O astucioso Biribris, que possuía todas as perfidias, sabia bem que, falando assim, metendo-se pessoalmente a coberto, não fazia mais do que desafiá-lo! Semelhante recomendação, repetida constantemente, com ar escarninho, não tinha outro intuito do que levar Wadali a infringi-la. E foi o que, na verdade, aconteceu. No meio de um murmúrio de admiração, Wadali estendeu-se ao comprido, á sombra do coqueiro amaldiçoado. A sua cabeça encarpinhada, encostou-se ao tronco e as suas pernas estiraram-se na areia. Em seguida, baixou as pálpebras e adormeceu tranquilamente.

Um clarão feroz perpassou pelos olhos de Jokambo. Cinco minutos passaram. Depois, bruscamente, desenrolou-se o drama.

Ouviu-se, um grito terrível!

Este grito, era o próprio Wadali que o acabava de dar! E viu-se o Biribris levantar-se cambaleando; depois abater-se de um só golpe sobre o chão, com a cara para a frente e os braços em cruz, como fulminado. A lenda não mentia. O quinto coqueiro estava, sem dúvida, terrivelmente amaldiçoado.

O espírito mau, libertado do fogo de ervas, tinha ali encontrado refúgio e acabava de se manifestar de uma maneira trágica, a ponto de fulminar Wadali! Em grande tumulto todos os Biribris deixaram os seus lugares, mas nenhum deles ousou aproximar-se do coqueiro amaldiçoado. Estavam longe a discutir, tremendo a maior parte deles. E Jokambo repetia dôcemente o seu aviso, como para se desculpar, mas encantado, no fundo, como dramático incidente:

— «Eu bem havia prevenido Wadali!»

Durante êsse tempo, do «bengalow»,

Jimmy Clarks, prevenido, acorria, não querendo crer nos seus olhos. Ajoelhou-se depressa no leito de Wadali, que respirava febrilmente. Uma espuma côr de rosa aparecia nos lábios do infeliz, cujos membros estavam já rígidos e a opinião geral dizia que a morte não estava longe!

— «Agarrem-no e tragam-no! ordenou o dono da plantação a dois Biribris. Estes levantaram Wadali e afastaram-se. Jimmy Clarks seguiu-os até a enfermaria da colônia. Então, mandou-os embora, e ocupou-se, só, de Wadali. O infeliz parecia que estava prestes a morrer! O seu corpo, arrepiado não tinha nenhum sinal de vida.

Respirava com dificuldade e para lhe dar fôlego, Jimmy Clarks cortou, com um golpe de faca, a sua coleira, aquela larga coleira de couro que, ao pescoço, todo o Biribris que se preza traz sempre consigo.

Então, o branco soltou um grito de admiração e de raiva também. Sem perder um segundo, escolheu uma seringa, uma ampola e deu uma injeção a Wadali. O negro adormeceu, e Jimmy Clarks sorriu, contente e feliz, por o ter podido salvar!

Um minuto depois, o inglês, reunindo os seus homens, chamou Jokambo e, dando-lhe um machado, ordenou-lhe:

— «Tu vais abater aquela árvore!»
O negro, cinzento de medo, disse que não podia, pois que o espírito mau se apoderaria dêle. Então, Jimmy Clarks deu no tronco um furioso golpe de machado. Qualquer coisa assobiou e rolou a seus pés: era uma vibora negra. Jimmy esmagou-a com o tacão da bota e disse a Jokambo, confuso:

— «Bem imaginado, hein, canalha... Abriste um buraco no tronco e colocaste dentro esta vibora.

Sem a sua coleira que amorteceu a picada, Wadali estaria morto. Felizmente que consegui inocular-lhe o antidoto contra as fatais mordeduras. Tu és um criminoso!»

No dia seguinte, o astuto Jokambo, tinha de se sujeitar-se a um julgamento, no tribunal de Monróvia, e era severamente condenado. Wadali escapou. Quanto ao quinto coqueiro, Jimmy Clarks resolvera abatê-lo e colocar um outro em seu lugar, porque os Biribris, supersticiosos, continuariam a ter medo, mesmo depois do perigo desaparecido, de se colocarem e repousarem á sua sombra...

Trad. de GUY MANUEL